

Com as proximidades das eleições, com a instabilidade criada pelos estadistas que se apresentam para cuidar do país a partir de janeiro do próximo ano, o dólar foi colocado numa gangorra, com as consequências já constatadas por todos que, para respirarem profissionalmente, necessitam da moeda americana. A especulação desenfreada de alguns investidores bem humorados do lado de lá do Equador fez com que passássemos novamente a sentir aquela sensação que temos quando, em alto mar, o transatlântico balouça ao prazer das ondas irracionais. Alguns nem mesmo resistem ao poder emético deste balanço, imprevisível na hora em que se inicia, o quanto dura e quando termina.

Esta trágica situação deixa a todos num clima de instabilidade, pois não se sabe, a partir de então, como ficará a sua relação com o mercado comprador e com fornecedores internacionais, mesmo os estabelecidos em nossas fronteiras.

A diretoria do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem foi procurada por representantes de multinacionais ligadas à nossa atividade diária para colocar a situação que a crise levou. Segundo eles, e por determinação da matriz internacional, não poderão segurar os preços dos insumos (falamos do filme

radiológico), pois toda a atividade está atrelada à moeda estrangeira e a instabilidade monetária do país só diz respeito aos brasileiros. As empresas internacionais precisam de resultados custe o que custar.

Eles mostraram sensibilidade em relação à nossa precária situação de não podermos repassar estes custos e reconhecem que as punições que foram dadas às entidades médicas e, em particular, ao CBR, ao longo deste governo FHC, criaram um aprisionamento da classe. Reconhecem também a falta de união da categoria que, ao longo dos anos, estabeleceu acordos espúrios com compradoras de serviços a ponto de hoje, não se conseguir provar que a atividade já atingiu o fundo do poço, pois, segundo autoridades e compradoras, "se dão desconto é porque há muita gordura!". Como reivindicar realinhamentos de preços se alguns setores desconsideram totalmente as listas referenciais de preços dos procedimentos médicos?

O CBR reuniu em 07 de agosto, em sua sede, diretores de multinacionais da área, do ramo de equipamentos e insumos, para analisar a posição das empresas em relação à situação atual da crise cambial, que afeta prioritariamente nosso setor. Ao longo das discussões ficou clara à diretoria que, se os médicos ou



as clínicas não saldarem seus compromissos, assumidos quando da compra dos equipamentos, estarão sujeitos à sua retirada. Ficou a sensação de que são os médicos os responsáveis pela alta do dólar. O presidente do CBR, Dr. Aldemir Humberto Soares, deixou claro aos presentes que a entidade, pelos seus diretores, está procurando sensibilizar a comunidade e as autoridades, das dificuldades inerentes que esta situação de instabilidade cambial está afetando a todos: o país, que já foi modelo de modernização de equipamentos e de pioneirismo na área do Diagnóstico por Imagem, hoje está sujeito a um sucateamento sem limite. Ao CBR preocupa a entrada de equipamentos reciclados a preços baixos, sem qualquer controle com segurança no campo da proteção radiológica e da higiene das radiações. Isto como consequência da impossibilidade de arcar com os valores das novas tecnologias, a insegurança das variações cambiais ao longo do tempo de financiamento das máquinas e à impossibilidade da manutenção da atividade e do bom nome na praça.

Ao CBR foi dito também que o país está sem crédito internacional, ou seja, aqueles que porventura se interessarem em adquirir equipamentos não terão

aprovação de crédito e, como consequência, não poderão adquirir o bem. Isto também prejudicará a modernização do parque instalado.

Ao perguntarmos se, o gosto amargo que os radiologistas estão sentindo neste momento onde seus custos cambiais oscilam ao gosto dos lordes, e na falta de qualquer consideração por parte de governo e das compradoras de serviços, que tem o mercado aos seus pés, se esta era também a sensação das empresas, pudemos constatar que, às multinacionais interessa apenas o retorno do investimento. O resto é problema dos doutores tupiniquins. E se não cuidar ficam sem os equipamentos...

Dr. Aldemir Humberto Soares, em sua explanação, insistiu em afirmar que, para sensibilizar a comunidade e as autoridades, precisa de dados concretos que provem a crise que atinge a especialidade. Não ficou claro que as multinacionais possam dar subsídios à nossa diretoria para que possamos, através da imprensa, provar a grave crise do setor no país. Novo encontro ficou marcado entre os representantes das empresas e a diretoria do CBR.

Dr. Luiz Karpovas é Secretário do CBR e Diretor do Boletim do CBR

A Crise Cambial

